

## Sermão 458

A decapitação de São João Batista I.

Santo Agostinho

### **Análise**

*Num dia assim celebra-se mais o nascimento de João Batista do que o de Herodes. Os preparativos para o banquete. A vergonhosa embriaguez do rei e dos seus convidados. A dança da filha de Herodíades resulta na decapitação de João Batista.*

#### **01 – No aniversário de Herodes celebra-se mais o nascimento no céu de João Batista.**

Quando terminaram de celebrar o nascimento de Herodes, a filha de Herodíades dançou no meio do salão de banquete e sua dança agradou o rei. No entanto, o dia em que nasceu esse rei miserável lhe proporcionou menos alegria do que a João Batista, mesmo que este tenha nele perdido a vida, pois há mais vantagem em receber de Deus um novo nascimento do que vir ao mundo para pertencer ao diabo.

Este dia foi então, a bem dizer, o dia do nascimento, não do ímpio Herodes, mas do Profeta e isto é algo fácil de compreender. De fato, no dia em que sofreu o martírio, João Batista tomou posse da bem-aventurada eternidade, enquanto que Herodes caiu sob os golpes da morte no dia em que nasceu.

Não é um triste e lamentável dia, aquele em que uma pessoa, depois de ter aberto pela primeira vez os olhos à luz, se vê, não recolhendo a lisonjeira reputação que propicia uma vida de misericórdia e de mansidão, mas a desonra, por causa de uma vil e cruel ação?

João Batista tinha sido jogado na prisão como culpado por ter proferido uma censura merecida, pois, para aqueles que vivem mal, os preceitos da justiça são insuportáveis. Com ninguém mais censurando, a partir de então, sua inqualificável desordem, o rei Herodes se abandonou à alegria.

Depois da condenação do Profeta, quem ousaria assinalar a odiosa conduta do tetrarca? Quem teria coragem de repreender ou advertir livremente aquele orgulhoso?

Penas severas não ameaçavam antecipadamente a pessoa suficientemente independente para protestar? Além disso, os reis culpados não encontram sempre bajuladores que aprovam até mesmos seus crimes e suas vergonhas?

## **02 – Os preparativos para o banquete.**

Mas, basta sobre isso. Eis que chegou o dia do aniversário do rei. Ele nada na alegria, ele é cumprimentado pela extensão de sua existência e o número crescente dos seus anos. Ele poderia deixar de receber com prazer tão lisonjeiras palavras?

Ó cega perspicácia dos seres humanos! Eles se comprazem com o presente ou com a felicidade, mas não sabem prever o futuro e nem os reverses da sorte!

Logo, o interior do palácio real se revestiu com esplêndidos e luxuosos ornamentos. Sob esses lambris dourados se prepara um sangrento banquete.

Ornamentos de folhagens contornam as portas e as paredes se cobrem com flores. Em toda parte, nesses cômodos nefastos e logo cheios de horror, percebem-se coroas. Era possível se imaginar estar sob a espessa folhagem de uma floresta. Todos os encantos da primavera, levados pela arte, parecem se encontrar para enganar o olhar e imaginar a natureza no que ela tem de mais gracioso.

Mas, se alguém ali encontrou prazer, não foi Herodes, mas João Batista. Se o perfume das flores lisonjeava alguém, não era o rei, mas o mártir.

Ao se ver o tirano da nação judia exhibir em um salão de banquete tanta riqueza e fausto, poder-se-ia dizer que ele queria festejar muito alegremente com seus convidados, que sacrificavam ali, em um banquete, todas as suas rendas e fortunas.

Móveis em grande número e de um luxo inusitado encantavam os olhos. De todos os lados, vasos de uma arte estonteante e um valor sem igual, para mostrar, não apenas a magnificência de Herodes, mas também sua opulência; para saciar a visão dos seus amigos e dos

seus clientes pela beleza e a diversidade dos ornamentos, ao mesmo tempo em que alimentos refinados satisfarão seus apetites, realizando-se assim o verdadeiro ideal de um banquete, já que, por um lado, a mesa não deixará nada a desejar ao estômago e, por outro lado, prodígios de luxo não deixarão nada a desejar aos olhos.

Os convidados chegam então mais cedo do que o costume e se apresentam à porta. Só se ouvem gritos de alegria, pois o diabo lhes aguçou o apetite e ele tem sede de sangue.

Todo mundo se senta, estendem-se tapetes púrpuras sobre os leitos bordados, os criados se apressam em trazer a comida, as mesas são cheias e, mesmo que nada falte nessa profusão, o pobre Herodes ainda acha esse banquete incompleto, pois sua crueldade não achou nada ali ainda para comer, ou melhor, para devorar.

### **03 – A vergonhosa embriaguez dos convivas.**

Colocado em um lugar privilegiado, sobre um leito elevado, o rei está ali estendido, pois ele comeu por muito tempo nesse banquete nefasto e seus cotovelos cansados não conseguem mais sustentá-lo. Ele está tão cheio de bebidas que, se quisesse se levantar, nem sua mente e nem suas pernas conseguiriam sustentá-lo.

Vejam todos à mesa: estão completamente embriagados. Em suas veias não corre sangue, mas vinho. Seus sentidos estão embota-

dos. Dos seus olhos caem lágrimas de vinho e seus olhares não estão mais fixos.

Para acreditar ainda na honestidade dos convidados de Herodes, não é preciso olhá-los, pois este vomitou sobre a mesa real, aquele encheu o salão com pedaços de carne azedados pelo vinho, outros não se controlam mais e, incapazes de se manterem despertos, mesmo para sua conservação, jazem por terra, sepultados pelo sono e pela embriaguez.

Entre muitos poderia acontecer uma luta para obter, não o prêmio da virtude, mas o da embriaguez. Nesse combate de um tipo novo, um irrigaria seu amigo e outro afogaria seus amigos de mesa como que sob a lava de um vulcão.

Se uma taverna se tornasse o teatro de uma luta assim, eu entenderia, mas isto acontecer no palácio de um rei é vergonhoso!

Eu creio mesmo que esse nobre governador da nação judia tinha dado aos seus soldados autorização para se baterem diante dele, não a golpes de lanças, mas a golpes de copos. Ele não conhecia a guerra com o inimigo e por isso ele se propiciava em sua casa o espetáculo de um combate entre concidadãos embriagados.

Que obscenidade! Que descaramento de palavras sobre aqueles pisos manchados de vinho e no meio de gritos de embriaguez que soavam de todos os lados!

Que convidado, de fato, se lembrava do rei? Que empregado conservava na memória seu senhor? Quando a pessoa que devia proteger as conveniências cai na libertinagem vergonhosa, seguramente todo mundo se acredita livre.

#### **04 – A dança que provoca a morte de João Batista.**

No meio desses odiosos prazeres apareceu a filha de Herodíades. Toda sua pessoa exalava indolência. Invés de impedir os instintos do vício, sua aparência dissoluta parecia mais destinada a libertá-los.

Adúltera pública, sua mãe não tinha lhe ensinado nada sobre a honestidade e o pudor. Ela talvez fosse virgem de corpo, mas seguramente era uma despuorada.

Assim, o rei lhe pediu que dançasse, perdendo de vista a seriedade necessária a um rei e se esquecendo da severidade que é um dos deveres de um pai. Em razão do seu poder, ele deveria ter colocado um freio na licenciosidade daquela jovem, mas, longe disso, ele acendeu nela a chama da corrupção e atçou seu fogo impuro, pois, ele prometeu e jurou lhe dar tudo o que ela pedisse.

Encantada pela visão da recompensa, ela logo se aprontou e, segura da aprovação de sua mãe, ela logo se colocou em liberdade. Logo ela se contorce descrevendo volteios insensatos e gira com a rapidez de um turbilhão.

Uma hora ela gira de lado até quase o chão e outra hora ela levanta a cabeça e a faz se voltar para trás. Com a ajuda de suas roupas leves, ela deixa entrever suas formas voluptuosas.

Depois, com os braços estendidos no ar, ela faz soar címbalos um a um.

Ela mal consegue ficar de pé e seus pés mal tocam o chão, com os movimentos desordenados que ela produz.

Pobre moça! Uma verdadeira demência se apoderou dela. Sua alma e seu corpo foram tomados pela extravagância. Não eram mais movimentos dos seus sentidos que a arrastavam, mas instintos diabólicos. A menos que se seja louco, é preciso estar sob a influência da bebida para dançar.

Ó incompreensível crime de Herodíades! Sua filha só pode agradar com a condição de se tornar uma fúria!

O rei exulta de alegria e encontra em sua própria vergonha a razão de sua alegria. Para onde foram as decências exigidas pelas leis? Para onde foram os direitos protetores da modéstia?

No banquete de um rei, elogiam-se os companheiros de todos os vícios, os movimentos levados até os últimos limites da falta de vergonha. Não é com sua destreza que uma jovem consegue agradar; é com sua exaltação furibunda.

Um rei fora dele mesmo fez uma tola promessa e se impôs condições. Para não se desmentir, ele não pode recusar a recompensa

prometida; a recompensa que uma concubina aconselhou que fosse pedida. Como se ele se livrasse de toda a culpa livrando-se daquele que podia lhe fazer legítimas censuras!

A filha de Herodíades dança coberta de enfeites, mas ela não deseja nada, ela não almeja os dons da fortuna. A crueldade prevaleceu sobre a cobiça da avareza e as futilidades do luxo. O triunfo pertenceu à barbárie.

Uma intriga sangrenta foi urdida para fazer cair a cabeça de João Batista. Para exterminar este homem, porque ele aplica severamente aos costumes as regras de Cristo, porque ele prega a penitência, porque ele flagela o incesto, porque, por todos estes motivos, o diabo não pode suportá-lo.

Longe de enfraquecer, com uma volta ao bem, sua velha reputação de libertino, Herodes lhe dá uma nova força com um novo crime, mais clamoroso do que os outros. Ele consente de bom grado em cometer um homicídio, pois, em sua imprudência, ele tinha resolvido cometer um incesto com a esposa do seu irmão.

Levada pelos estímulos de sua mãe, a jovem dançarina só pede... ousarei dizer? A cabeça de João Batista!

Ai está! Essa Sinagoga sem vergonha pede a cabeça de um homem que é de Cristo?

A espada do carrasco faz a cabeça de João Batista cair e essa cabeça anuncia, de certa forma, o Cristo. Essa cabeça, cuja língua

paralisada pela morte ainda flagela a má conduta de Herodes, é levada ao salão de banquete onde está o carrasco.

Depois do golpe mortal que cortou subitamente os dias do Profeta, um tom de indecisão é estampado em seu corpo. O encarnado rosado que é o sinal da vida ainda não cedeu lugar completamente à palidez da morte. A morte caída subitamente sobre esse homem destruiu a integralidade de sua natureza, mas nos lábios de João Batista ainda se leem alguns sinais de vida.

## **05 – Os diferentes destinos de Herodes e João Batista.**

Ó abominável refeição! Ó detestável banquete! Nele aconteceu a morte de um homem! Nele se dançou pelo massacre de um Profeta!

O prêmio oferecido à volúpia não foi outro além do sangue humano!

Para variar os prazeres dos convivas, foi oferecida em espetáculo a cabeça do precursor e aqueles que tinham sede se saciaram, não com vinho, mas com sangue!

Ó fúria cega! Com seus sofrimentos, São João Batista mereceu a recompensa da vida eterna e o rei Herodes pagou todas as torturas que fez os mártires suportarem sofrendo, já neste mundo, as justas vinganças do Deus vivo.



## Créditos

© 2021 Valdemar Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são autorizadas, desde que citada a fonte.

Traduzido de *Œuvres complètes de Saint Augustin*, organizada pelo Abade Raulx, Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Editeurs, 1864-1873, por Souza Campos, E. L. de.

Sermons inédits. Troisième supplément. Deuxième section. Quinzième sermon.

## Conteúdo

Sermão 458 .....	1
Análise.....	1
01 – No aniversário de Herodes celebra-se mais o nascimento no céu de João Batista.....	1
02 – Os preparativos para o banquete.....	2
03 – A vergonhosa embriaguez dos convivas.....	4
04 – A dança que provoca a morte de João Batista.....	6
05 – Os diferentes destinos de Herodes e João Batista.....	9
Créditos.....	10
Conteúdo.....	11